

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TIPOS *ELA FALA ESQUISITO* E
ELA CHEGA CANSADA NO PORTUGUÊS COLOQUIAL
E LITERÁRIO DO BRASIL E DE PORTUGAL¹

Martin Hummel
Univ. Graz

Não parece ser difícil afirmar que as palavras *cansado* e *esquisito* são adjetivos, uma vez que se flexionam, por exemplo, quando aparecem junto a um substantivo feminino: *uma mulher cansada, uma mulher esquisita*. Mas existem ocorrências destas formas que nos deixam na dúvida. É o caso de *cansado* em *ela chega cansada* e de *esquisito* em *ela fala esquisito*. No primeiro caso, *cansado* é flexionado, no segundo caso o “adjetivo” não sofre nenhum tipo de flexão. Os próprios falantes costumam estar na dúvida quando se lhes pergunta se a frase *ela fala esquisito* está correta ou não, se se deve escrever ou não. O certo é que esta frase se utiliza, e freqüentemente, sobretudo no português falado coloquial do Brasil.² Será que quem a usa fala mal o português? Será abuso lingüístico?³ Não me parece acertada tal opinião. Até poderíamos pensar na hipótese de que o tipo *ela fala esquisito* conserve a mais pura tradição românica, na medida em que as formas hoje consideradas

¹ Versão revisada e atualizada do artigo com o mesmo título antes publicado em: *Estudos de gramática portuguesa (II)*, eds. Eberhard Gärtner/Christine Hundt/Axel Schönberger, Frankfurt/Main (TFM) 2000: 87-123.

² Thomas já anotou: “The adjective is found in many cases which would logically require an adverb. [O brasileiro falado] vacillates between agreement and nonagreement, i.e., whether to consider such words adjectives or adverbs (1969: 47)”.

³ Este problema normativo leva a maioria das gramáticas a não prestar devida atenção aos adjetivos adverbializados. Só a edição brasileira da gramática de Cunha/Cintra (1985: 258) cita um exemplo convincente (*D. Felismina sorriu amarelo*); na edição portuguesa vêm exemplos ambíguos como *cantara triste* que só no plural permitiriam uma classificação inequívoca (*cantaram tristef[s]*) (1984: 267). Será que foi mais fácil encontrar um exemplo no português do Brasil? Bechara descreve os adjetivos adverbializados brevemente mas corretamente, sem no entanto chamar a atenção para a preferência que os falantes dão a estes advérbios na linguagem coloquial (Bechara³⁷ 1999: 294-5).

advérbios autênticos ou “corretos” do tipo *fortemente* ou *tranqüilamente* só apareceram nas línguas românicas.⁴ Sobrepueram-se, portanto, de alguma maneira, aos advérbios preexistentes do tipo *forte* (adv. lat. *forte*).⁵ Daí a coexistência de dois advérbios, como, por exemplo, em *bater forte na bola* ou *bater fortemente*.

Hoje, ocorrências do tipo *ela fala esquisito* ou *correr rápido*, nas línguas românicas, têm a ver, de alguma forma, com a diferenciação das linguagens culta-escrita por um lado e falada-coloquial por outro lado.⁶ Passei bastante tempo a observar o emprego dos advérbios em *-mente* na linguagem falada coloquial em Portugal e no Brasil. Empregam-se muito pouco. Prefere-se, no Brasil, *faço isso rápido* a *faço isso rapidamente*. Em Portugal também se utiliza *rápido* como advérbio, mas continua a predominar a forma alternativa *depressa*. Os advérbios em *-mente* são utilizados sim, tanto no Brasil como em Portugal, mas na variante dos advérbios de frase (o tipo *felizmente não caiu*). Os advérbios de modo propriamente ditos, como *rapidamente*, são pouco frequentes (v. § 3).

Não me é possível, nesta breve contribuição, tratar de todas as questões acima levantadas. Só quis chamar a atenção para a complexidade não só sincrônica como também histórica dos problemas ligados a estas construções, a fim de pôr em relevo o interesse que a pesquisa tem, neste caso, tanto para o português como também para o conjunto das línguas românicas e sua tradição oral-escrita. Examinarei exclusivamente o emprego, funcionamento e função dos tipos flexionado (*ela chega cansada*) e não flexionado (*ela fala esquisito*) na linguagem falada e escrita no português do Brasil e de Portugal de hoje. Para maior clareza da exposição, convém definir, antes de começar e por mais usuais que sejam, os termos *adjetivo* e *advérbio de modo*. Ambas as categorias têm a função de atributo: atribuem uma característica (o seu significado lexical) a uma outra palavra. No caso do adjetivo, esta outra palavra é um substantivo, no caso do advérbio, um verbo (*corre rápido*, *corre rapidamente*) ou até, em construções que não nos interessam aqui, um adjetivo (*altamente importante*), um outro advérbio (*bem rapidamente*) ou um enunciado (advérbio de frase).

⁴ O sufixo *-mente* é uma inovação românica. Já no latim existiam paráfrases do tipo *sedula mente*, *prona mente*, *devota mente* (Lausberg 1982: 147). Mas *mente* ainda não é um sufixo. Trata-se do ablativo do substantivo feminino *mens*, *-tis*. Devemos ao gênero deste substantivo a atual regra de formação dos advérbios com o sufixo *mente* que se junta à forma feminina do adjetivo: *tranqüilo* > *tranqüilamente*. A melhor síntese da origem heterogênea da categoria “advérbio” nas línguas românicas continua ser a de Lausberg (1982: 140-51). Cf. Deutschmann 1959 e Meier 1948: 60-1.

⁵ V. Hummel (2000: 417-481), Hummel 2002a e Hummel 2002b.

⁶ Um dos melhores estudos sobre os adjetivos adverbiais no português continua a ser o de Meier 1948.

1. O tipo *ela chega cansada*

1.1 Adjetivo adverbial e adjetivo adnominal

É preciso distinguir o emprego *adverbial* do adjetivo do seu emprego *adnominal*, que é o uso mais (re)conhecido:

(1a) adnominal: *A senhora cansada corre.*

(1b) adverbial: *A senhora corre cansada.*

Na primeira frase, o adjetivo vem junto a um substantivo, razão pela qual falamos em *adjetivo adnominal*. Na segunda frase, o adjetivo aparece junto a um verbo. Daí o termo *adjetivo adverbial* (e não *adverbial!*) que proponho aqui. Nos dois casos, o adjetivo tem uma função atributiva em relação ao sujeito da frase, o substantivo *a senhora*.⁷ Trata-se de adjetivos autênticos cuja flexão depende deste substantivo. Mas qual é a diferença entre as duas estruturas? Consideremos mais um exemplo:

(2a) *A senhora pobre morreu.*

(2b) *A senhora morreu pobre.*

Na primeira frase, o adjetivo *pobre* é um atributo do substantivo *a senhora* e faz parte do sintagma nominal que constitui o sujeito da frase. A atribuição realizada não sofre nenhuma restrição. Trata-se de um atributo pleno ou *absoluto*. Na segunda frase, *pobre* também é atributo do substantivo-sujeito, mas sem fazer parte deste grupo nominal. Pertence ao grupo verbal. A atribuição assim realizada já não é absoluta. Sofre uma limitação externa ao grupo nominal *a senhora* na medida em que a função atributiva é *condicionada* pelo verbo *morrer*.⁸ O adjetivo caracteriza o seu substantivo somente *dentro do escopo* que lhe abre o verbo: *a senhora estava pobre no momento em que morreu*. Não é de excluir que a senhora já tivesse sido rica em alguma fase da vida dela anterior à morte. A frase até sugere esta idéia, na medida em que insiste no fato de a senhora ter estado pobre no momento da morte. Na primeira frase, o adjetivo não sofre nenhuma restrição deste tipo: *uma senhora, que era pobre, morreu*. Marquei, nas duas paráfrases que empreguei, os verbos *ser* e *estar* respectivamente. Não é por acaso que utilizamos o verbo *ser*, indicando uma qualidade intrínseca, essencial, na paráfrase de (2a), e o verbo *estar*, indicando uma

⁷ Não tratarei aqui os adjetivos adverbiais dirigidos ao objeto direto do verbo como por exemplo em *Carlos encontrou-a pensativa*. Cf. Cunha/Cintra 1985: 255-6, Figueiredo 1974: 56-7 e 60-1, Luft ⁹1989: 31-2, Borba 1996: 61.

⁸ Por isso pode-se falar em *atributos predicativos* para caracterizar a função do adjetivo adverbial, como sugeriu Gärtner (1998: 155). O adjetivo adverbial pertence à parte predicativa da frase.

qualidade ocasional, limitada a uma situação, na frase (2b). Utiliza-se o verbo *ser* no caso da atribuição absoluta, e o verbo *estar* no caso da atribuição condicionada pelo verbo.

Poder-se-ia criticar esta argumentação dizendo que esta alternância de *ser* e *estar* não se verifica nas paráfrases de (1a) e (1b): *A senhora, que está cansada, corre* vs. *A senhora está cansada quando corre*. Temos que utilizar, em ambos os casos, o verbo *estar*. Mas isso não contradiz a análise acima referida. *Cansado* é um adjetivo que, por si próprio, implica uma limitação temporal da propriedade expressa pelo seu significado lexical. O cansaço é uma característica passageira, a pobreza não forçosamente. Por isso, o adjetivo *cansado* é sempre utilizado com o verbo *estar*. O emprego adverbial de *cansado* naturalmente em nada altera esta característica. Só se pode mostrar a diferença entre construções com adjetivo adverbial e as com adjetivo adnominal através do emprego de *estar* ou *ser* quando se trata de um adjetivo preferentemente utilizado com *ser*: *uma pessoa é pobre*. De forma que utilizamos excepcionalmente *estar* na paráfrase de (2b), porque o significado lexical de *pobre* é limitado ocasionalmente por um verbo: *a senhora estava pobre quando morreu*. A mesma situação se verifica com adjetivos de cor como *verde* que costumam designar qualidades físicas consideradas essenciais:

(3a) *Os seus olhos verdes brilham.*

*Os seus olhos, que são verdes, brilham.*⁹

(3b) *Os seus olhos brilham verdes.*

Os seus olhos estão verdes no momento em que o observador capta o seu brilhar.

Podemos concluir portanto que o adjetivo adverbial se caracteriza funcionalmente por um traço ‘atribuição condicionada pelo verbo’ que o distingue do adjetivo adnominal.

Não é exato o lugar comum, segundo o qual as construções com adjetivo adverbial só ocorrem com verbos intransitivos (v. Fonseca 1989: 53). Conteí 41 adjetivos adverbiais com verbos transitivos nos 186 exemplos do corpus literário utilizado neste estudo (v. Bibliografia), o que corresponde a 22% das ocorrências. Para dar um exemplo: “O italiano [...] olhava tranquilo as janelas fechadas do palácio [...] (Saramago 1982: 167)”. Observa-se, portanto, uma

⁹ Ponho a frase relativa entre vírgulas porque o sentido especificador do adjetivo adnominal não faz sentido aqui: **Os seus olhos verdes (e não os azuis) brilham.*

preferência pelo emprego destes adjetivos com verbos intransitivos, mas estamos longe da exclusividade formulada por Fonseca. No corpus literário utilizado em Hummel 1998, baseado em 4 romances de Eça de Queirós, a relação numérica é de 171 verbos transitivos para 327 verbos intransitivos, ou seja de 34 % de verbos transitivos nos 498 exemplos.

1.2 Construções com verbo copulativo

Convém separar bem as construções com adjetivo adverbial das chamadas construções com verbo copulativo. No primeiro caso, a paráfrase com *quando* é possível, no segundo caso, não:

(4a) *Manuela andava nervosa* → **Manuela estava nervosa quando
de um lado para outro.* *andava de um lado para outro.*

(4b) *Manuela andava nervosa.* → **Manuela estava nervosa quando andava.*
(= ‘estava nervosa’)

Só no primeiro caso temos duas predicacões separáveis.¹⁰

1.3 O matiz “adverbial” dos adjetivos adverbiais

Em frases como *A senhora morreu pobre* ou *A senhora chegou cansada*, os adjetivos caracterizam um estado temporalmente limitado do sujeito. *A senhora morreu pobre* encontra-se em oposição pertinente a *A senhora morreu pobrementemente* onde o advérbio indica as circunstâncias da morte.¹¹ O adjetivo *pobre* em *A senhora morreu pobre* não tem nenhum matiz adverbial. Mas em frases como *A senhora corre feliz* já poderíamos achar que *feliz* tanto se refere ao sujeito *a senhora* quanto ao verbo *correr*, caracterizando a maneira como a senhora corre. Por isso, não é de admirar que alguns tenham analisado o adjetivo adverbial como forma intermediária entre adjetivo e advérbio:

[Em *O carro anda vago*] “em vez do advérbio empregamos o adjetivo, com que pretendemos ao mesmo tempo caracterizar o acto e o sujeito. [...] sentimos que o adjetivo, à força de querer ser tudo, nem caracteriza energeticamente a acção nem o sujeito, embora penda para este último (Lapa ¹¹1982: 242)”.

¹⁰ Para mais pormenor v. Gärtner (1998a: 155-6; cf. 80-86), a quem fui buscar o exemplo, e Hummel (2000: 178-86, 222-46 e Hummel 2001).

¹¹ Esta oposição já não existe entre *correr rápido* e *correr rapidamente* (v. aqui § 3).

Trata-se, na nossa opinião, de uma análise errada. O matiz adverbial do adjetivo adverbial *feliz* é o resultado de uma inferência: O ouvinte da frase *A senhora corre feliz* julga saber que o estado “feliz” do sujeito não poderá naturalmente deixar de se refletir na maneira de correr da senhora. Daí o matiz adverbial. Trata-se de um efeito *inferido* que se manifesta ao nível do significado da frase, entidade semanticamente determinada pelo *sentido* ou *lógica* do conjunto das palavras que a constituem.¹² Uma frase não precisa de ser verdadeira, mas tem que ter sentido. Daí a importância de efeitos inferenciais. No que diz respeito ao funcionamento propriamente lingüístico dos adjetivos adverbiais, o matiz adverbial é um mero efeito secundário, como se pode verificar em frases como *Ela morreu pobre* onde tal inferência não se dá. A única constante funcional que podemos, portanto, eliminar do conjunto das construções adverbiais possíveis é a função “atributo de sujeito condicionado pelo verbo”.¹³

1.4 Referência do adjetivo adverbial ao *sujeito temático* do verbo

O adjetivo adverbial da frase *Ela chega cansada* atribui a característica “cansado” ao sujeito gramatical da frase *ela*. Curiosamente, estes adjetivos nem sempre precisam de sujeito gramatical para funcionar. Este fato, geralmente ignorado, verifica-se quando o adjetivo adverbial vem junto a formas verbais infinitas:

“Por estes barracões repousam os operários [...] só a esteira no chão, o dormir vestido, a capa por inteiro agasalho [...]” (Saramago: 273).

Assim descreve José Saramago a vida dos operários que constroem o convento de Mafra: Vivem em barracões onde o “dormir vestido” é uma das características que mais saltam à vista. Tratando-se de um infinitivo substantivado, poderíamos pensar que se trata, de fato, não de um adjetivo adverbial, indicando o estado dos operários que dormem, mas de um adjetivo adnominal como em *a árvore verde*. Mas isto não se verifica. Há uma oposição nítida entre, por exemplo, *o martelar metálico*, onde o próprio *martelar* tem a característica de ser ou de soar *metálico*, e *o dormir vestido* onde não é o

¹² Cf. Cunha/Cintra 1985: 257-8.

¹³ Alguns advérbios em *-mente* sofrem inferências em sentido oposto: *alegremente* ou *cruelmente* são atributos de um verbo que *implicam* uma atitude correspondente da parte do sujeito. Mas não diríamos, como sugere Vilela, que se trata de “adverbiais orientados para os actantes (Vilela 1995a: 192)” ou até “complementos do sujeito (ibid.: 200)”. São atributos do verbo cujos efeitos inferenciais implicam certos actantes.

dormir que está “vestido” mas sim as pessoas que dormem.¹⁴ *Vestido* refere-se portanto ao sujeito implícito de *dormir*. Funcionalmente, temos que considerar esta construção como variante do emprego adverbial do adjetivo *vestido* em frases como:

(5a) *Os operários dormem vestidos.*

(5b) *O fato de os operários dormirem vestidos.*

(5c) *O dormir vestido dos operários.*

(5d) *O dormir vestido.*

Podemos concluir que um adjetivo adverbial não precisa de sujeito gramatical explícito (tipo *eles dormem vestidos*) nem semi-implícito (tipo *dormem vestidos*) para funcionar. Basta que o verbo inclua um sujeito tácito, que prefiro chamar *sujeito temático*. Na grande maioria das construções com adjetivo adverbial, este sujeito temático é o *agente* de um verbo de ação: *ela corre cansada*. Mas o termo *agente* não cobre todas as facetas possíveis. Não poderíamos falar em *agente* no caso do verbo processual *dormir*, em *dormir vestido*. Temos, portanto, que recorrer a um termo mais geral, *sujeito temático*, por exemplo.

Nas seguintes frases, o adjetivo adverbial aparece junto a uma outra forma infinita do verbo, o gerúndio:

“Virgínia podia ver as grossas pernas de Luella pendendo flácidas da cama” (Fagundes Telles: 105).

“Revia-se com extraordinária nitidez correndo alucinada pelo pátio [...]” (Fagundes Telles: 101).

“fez uma espécie de cabeleira brotando emaranhada em todos os sentidos” (Fagundes Telles: 134).

Nestas frases, os adjetivos adverbiais referem-se ao sujeito temático dos gerúndios *pendendo*, *correndo*, etc. São flexionados, porque este sujeito temático aparece na mesma frase explicitamente sob a forma de objeto direto que depende do verbo principal da frase, por exemplo, do verbo *ver*, na primeira frase. Na frase seguinte, o sujeito temático vem explícito no complemento do adjetivo *de acácias*:

Estou cheia de acácias balançando amarelas [...] (Lispector: 23).

¹⁴ É só no primeiro caso, *o martelar metálico*, que podemos falar em *infinitivo substantivado*, tratando-se, no segundo caso, de um grupo verbal *dormir vestido* substantivado na sua totalidade.

Mencionemos finalmente as construções com o verbo *deixar* que permitem também confirmar estas observações:

“Deixo o cavalo livre correr fogoso.” (Lispector: 23).

“acaso o deixariam ir sentado numa galera [...]” (Saramago: 311).

Os adjetivos adverbiais destas duas frases referem-se a um sujeito temático que vem explícito como objeto direto do verbo *deixar*: As construções com adjetivo adverbial contidas nestas frases carecem de sujeito gramatical.

As construções analisadas neste parágrafo não correspondem às ocorrências mais freqüentes de adjetivos adverbiais. Feito o rastreio de 4 romances de Eça de Queirós, verificámos, em Hummel 1998, que a configuração prototípica das construções com adjetivo adverbial compreende um adjetivo adverbial caracterizador do estado psíquico de uma pessoa (sujeito) que fala ou que se move, como por exemplo em *Maria gritou aflita* (Hummel 1998: 174). Os exemplos marginais que acabamos de analisar provam, no entanto, que não se deve afirmar que estes adjetivos precisam de um sujeito gramatical para funcionar. Precisam de um sujeito temático que *pode* vir explícito na frase como sujeito gramatical. A possível independência funcional dos adjetivos adverbiais da presença de um sujeito gramatical confirma-se, além disso, pelo fato de sintagmas como *dormir vestido* e *correr fogoso* serem perfeitamente compreensíveis com ou sem sujeito.

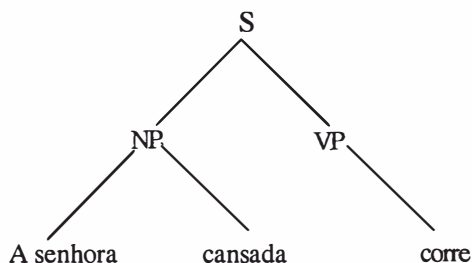
Este fato ajuda, aliás, a resolver uma polêmica que existe, no âmbito da gramática generativa, acerca dos adjetivos adverbiais, analisados aí como *predicados secundários*.¹⁵ Existem dois campos: uns dizem, chefiados por Williams,¹⁶ que o predicado secundário é um simples predicado do sujeito (nós dizemos *atributo*), análise que basicamente corresponde à nossa; outros, por exemplo, Aarts 1992, propuseram uma análise em *small clauses*. Neste tipo de análise, o sujeito aparece duas vezes, a segunda vez na chamada *small clause*. Corresponde, no fundo, a uma análise do tipo: *ela corre cansada* = *ela corre e ela está cansada*. Simplifico um pouco, mas o princípio é bem esse. Ora bem, seria mesmo necessário recorrer a uma análise tão complicada como a das *small clauses*? A necessidade vem de uma das exigências internas da teoria generativa: uma constituinte subordinada não pode, em nenhum caso, referir-se simultaneamente a duas constituintes sobreordenadas. Ora, no caso da

¹⁵ Este termo é valioso na medida em que permite incluir construções do tipo *ela corre cantando* na análise. Considero, portanto, *predicação secundária* como termo genérico e *adjetivo adverbial* como termo designando a variante mais saliente de predicação secundária. Sobre a predicação secundária em português v. Marrafa 1993 e Pereira 1997.

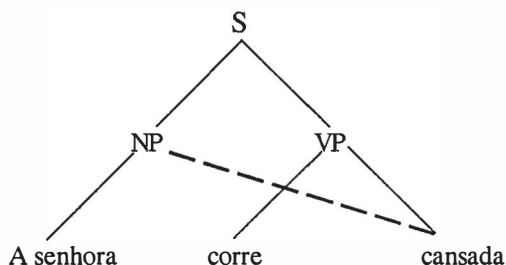
¹⁶ V. a síntese dos trabalhos de Williams em Winkler (1997: 50-7).

predicação secundária, isso parece ser o caso: sintaticamente fazem parte do grupo verbal (VP) que determina o escopo da atribuição: *ela corre cansada* = *ela só está cansada durante a ação “correr”*. Semanticamente, são atributos do sujeito da frase *ela*, que rege a flexão do adjetivo. Têm portanto, a mesma função que um adjetivo adnominal, só que não fazem parte do grupo nominal (NP) mas de VP. Se se respeitasse esta dupla função no diagrama, chegar-se-ia à seguinte representação gráfica da sintaxe do adjetivo adnominal (diagrama I) e do adjetivo adverbial (diagrama II), algo heterodoxa no caso do adjetivo adverbial:

Adjetivo adnominal



Adjetivo adverbial



A meu ver, este dilema, ~~sempre~~ não será explicitado abertamente, é bem a origem dos problemas que levaram alguns a propor *small clauses*. Mas esta solução é complicada demais, motivada ainda por cima não pela realidade lingüística mas pelas exigências da teoria lingüística (cf. Winkler 1997: 18-50). A solução é mais simples. Os predicados secundários dependem, sintaticamente, do verbo, e referem-se ao sujeito *temático* deste verbo, que pode ou não aparecer como sujeito gramatical da frase. Podemos, portanto, tirar a linha heterodoxa “_____”. Só que se torna então evidente que o esquema

sintático pouco ou nada diz sobre o funcionamento da construção: a referência ao sujeito temático é invisível. É preciso incluir a morfologia, quer dizer, a flexão que diz a quem pertence o adjetivo adverbial, o, até, as próprias qualidades da categoria “adjetivo” que nos faz “buscar” o seu substantivo.

Convém acrescentar mais uma observação: o adjetivo adnominal que é, digamos, o adjetivo normal, faz sempre parte de um grupo nominal, determinando, dentro deste grupo, um substantivo que lhe é sobreordenado (v. diagrama I). O adjetivo adverbial, porém, quando aparece com um sujeito explícito, já não se refere só a uma palavra, isto é, a um substantivo, mas ao grupo inteiro, quer dizer, à unidade sintática que chamamos *sujeito*. Na frase “*As meninas loiras que não dormiram bem durante a noite* chegaram cansadas esta manhã”, o adjetivo adverbial refere-se ao conjunto posto em itálico. Refere-se ao sujeito da frase, não só a um substantivo.

Existem predicados secundários que se referem ao objeto direto da frase, como, por exemplo, em *encontrei-a cansada*. Não disponho aqui de espaço suficiente para analisar este caso, mas a análise aqui desenvolvida aplica-se a estes casos também. Não precisamos de *small clauses*.¹⁷ O adjetivo refere-se ao objeto direto da frase, descrevendo uma característica do objeto extralingüístico designado cujo escopo se vê limitado pelo verbo *encontrar*. É mais difícil provar que o objeto direto pode faltar como pode faltar o sujeito gramatical dos adjetivos adverbiais referentes ao sujeito. Mas basta considerar outras línguas para nos convenceremos. São muito usuais, em alemão e em inglês, verbos compostos do tipo al. *totschießen* ‘atirar com o resultado de matar’ ou ingl. *to shoot dead*. São verbos lexicalizados que não precisam de objeto direto explícito para funcionarem. Referem-se a um objeto temático genérico, que pode ou não vir explícito na frase.¹⁸

¹⁷ Com exceção, provavelmente, de frases como *Considero o problema resolvido* que se podem (ou se devem) explicar por uma elipse do verbo *ser*.

¹⁸ Um caso interessante são sintagmas franceses como *servir chaud, boire frais, manger gras*, etc. que se citam sem objeto direto ao qual, teoricamente, se referem os “adjetivos”. São expressões com objecto directo implícito. Daí o seu caráter genérico. Tratar-se-ia, conforme esta análise, de adjetivos e não de advérbios.

2. O tipo *ela fala esquisito*

Historicamente, estes advérbios constituem um grupo bastante heterogêneo. Convergem nele advérbios como *alto* em *falar alto*, nascidos como tais no latim, com adjetivos adverbializados do tipo *eles falam esquisito*, freqüentes no português falado coloquial. O termo *adjetivo adverbializado* é algo problemático na medida em que advérbios como *forte* sempre foram advérbios.¹⁹ De um ponto de vista sincrônico, no entanto, o termo faz sentido, por traduzir bastante bem o que o falante hoje faz quando diz *ela fala esquisito* ou *ela corre rápido*. *Rápido* é um adjetivo que, nesta construção, quer dizer ocasionalmente, passou a advérbio. Sincronicamente, o locutor já não saberia distinguir entre os advérbios *alto* e *esquisito*, na medida em que os dois têm a forma de um adjetivo e podem, de fato, funcionar como adjetivos (*uma torre alta*, *histórias esquisitas*). Distinguem-se, simplesmente, pelo grau de aceitabilidade, sobretudo quando se trata de escrever. Aceita-se então sem problema o tipo *falar alto* e, mais dificilmente, *falar esquisito*.

Analisemos uns exemplos:²⁰

Os remadores [...] remavam certo e sem pressa (Saramago: 39).

já que escrevo tosco e sem ordem (Lispector: 14; o sujeito da frase é feminino).

E falo bem baixo para que os ouvidos sejam obrigados a ficar atentos e a me ouvir (Lispector: 76; o sujeito da frase é feminino).

Nos três casos, o adjetivo adverbializado funciona como atributo do verbo, isto é, como advérbio. Serve como caracterizador da ação expressa pelo verbo, quer dizer como advérbio de modo. Não faz sentido interpretar *alto*, *tosco* e *baixo* como atributos do substantivo-sujeito. Os locutores, conseqüentemente, não flexionam estas formas. E parece ser esta a diferença em comparação com os adjetivos adverbiais analisados na primeira parte: estes são flexionados por se tratar de caracterizadores (atributos) de um substantivo-sujeito temático ou explícito. Os adjetivos adverbializados, por sua vez, não sofrem flexão simplesmente porque não caracterizam um substantivo, mas um verbo. São advérbios mesmo. Por isso podemos substituir *correr rápido* por *correr rapidamente*.

Um pequeno teste mostra que a consciência lingüística dos falantes distingue bem o adjetivo adverbial flexionado dos adjetivos adverbializados

¹⁹ Teyssier, por exemplo, diz que “os adjectivos podem desempenhar a função de advérbios (p. 320)”. Menciona os exemplos *falar alto* ‘parler haut’, *falar difícil* ‘employer un langage difficile’ e *andar direito* ‘marcher droit’. As traduções francesas mostram que este tipo não é estranho a outras línguas românicas.

²⁰ Mais exemplos em Figueiredo 1955: 129.

invariáveis. Uma frase como *ela fala baixa*, bastante artificial do ponto de vista da norma lingüística, obrigaria a imaginar alguma posição física da pessoa que fala. O mesmo aconteceria, se opuséssemos a frase, usual no Brasil, *ela joga sujo* à frase inusual *ela joga suja*. Na primeira frase, o advérbio *sujo* caracteriza metaforicamente uma maneira de jogar que não respeita o *fairplay*; na segunda frase, o adjetivo *sujo* caracterizaria, se alguém pronunciasse esta frase, o fato de a pessoa estar suja enquanto joga. Vemos aparecer nitidamente uma intuição lingüística que distingue entre *sujo*-advérbio e *sujo*-adjetivo.²¹ Do mesmo modo, podemos confrontar a expressão usual *dormimos picado* ‘dormimos sem interrupção’ com a frase *dormimos picados* que significaria ‘picados por insetos’, se alguém chegasse a pronunciá-la.

Mas não é preciso tanto artifício para pôr em evidência a diferenciação das duas construções na consciência lingüística dos locutores. Existem provas nos textos literários do nosso corpus. No seguinte exemplo *direito* tem valor adverbial:

Não posso ver direito, só distingo os vultos (Fagundes Telles: 141).

Direito é atributo do verbo *ver*. É advérbio e não sofre flexão. É muito freqüente este emprego do advérbio *direito* na linguagem coloquial, sobretudo no Brasil. Consideremos agora o emprego de *direito* na seguinte citação:

a procição é uma serpente enorme que não cabe direita no Rossio e por isso se vai curvando e recurvando como se determinasse chegar a toda a parte [...] (Saramago: 52).

Neste exemplo, que é preciso ler duas vezes para compreender bem, por causa da alta freqüência de *direito*-advérbio, *direito* não caracteriza o verbo mas o substantivo *a serpente*. Saramago exprime, pela forma flexionada *direita*, que a serpente não caberia no Largo do Rossio se tivesse uma forma linear por ser demasiado comprida. *Direito* funciona como adjetivo. A sua ocorrência num texto literário não é por acaso. Este emprego, bem menos usual que o do advérbio homófono, pertence a um estilo elaborado. A mesma oposição de adjetivo adverbializado e adjetivo adverbial se observa nos seguintes exemplos:

²¹ Por isso, os exemplos do já citado Thomas não convencem. Não tenho a certeza de que se diga indiferentemente *Elas corriam ligeiras como o vento* ou *Elas corriam ligeiro como o vento* (1969: 47). A frase é demasiado literária para pertencer à linguagem falada coloquial, como Thomas pretende. Semanticamente faria sentido escrever *Elas corriam ligeiras*. A extensão da frase por *como o vento* acentua a dinâmica processual que causa certa contradição na frase. Seria mais lógico escrever *As nuvens vogavam/passavam ligeiras como penas*. Do ponto de vista do sentido da frase, *correr ligeiro como o vento* parece melhor, porque o valor adverbial da forma invariável se enquadra bastante bem, embora possamos duvidar de que se escreva uma tal frase. O trabalho de Thomas carece de exemplos autênticos citados da linguagem falada e, sobretudo, de uma diferenciação dos registros.

“um passarinho [...] seguia reto em direção ao sol” (Fagundes Telles: 78).

“Mas o homem de pé sobre o único pé - dorme reto” (Lispector: 97).

No primeiro exemplo, *reto* é advérbio. Caracteriza a maneira de voar. No segundo exemplo, *reto* chama a atenção para a posição do homem que dorme, embora esta interpretação não seja visível porque o sujeito masculino não exige flexão. Sendo a colocação “verbo + *reto*” a mesma, o ouvinte ou leitor destas frases não tem nenhuma marca formal para distinguir *reto*-advérbio de *reto*-adjetivo. É um mero fato de *interpretação*.²²

Convém chamar a atenção para mais uma diferença entre adjetivos adverbiais e adjetivos adverbializados. Construções com adjetivos adverbiais costumam ser únicas, quer dizer, são resultados de uma produtividade livre. O falante junta verbo e adjetivo *ad hoc*. Os adjetivos adverbializados, no entanto, são altamente usuais e muitas vezes fixos. Poder-se-ia falar de séries fechadas ou quase-fechadas.²³ Muitas destas combinações são sintagmas fixos com sentido metafórico: *jogar sujo, passar batido, dormir picado*. São sintagmas que o falante apreende como expressões estabelecidas. Também são típicos, por outro lado, esquemas do tipo “falar + X”, onde X é substituível por toda uma série de adjetivos adverbializados (*falar alto, baixo, claro, errado, grave, suave, etc.*).

O falante não tem problemas em fornecer toda uma lista de expressões deste tipo quando se lhe dá um exemplo. E não os cita numa frase inteira, com sujeito, mas como sintagma, por exemplo, *passar batido*. Tal não acontece com os adjetivos adverbiais. Nem sequer “*chegar + ADJ*”, que é uma das poucas construções que se utilizam com certa frequência na linguagem falada, conhece qualquer tipo de fixação sintagmática. O locutor normalmente não é capaz de mencionar construções semelhantes a partir do exemplo *ela chega cansada*. São construções livres e produtivas que o falante realiza com as regras produtivas do sistema lingüístico. As construções com adjetivo adverbializado, pelo contrário, precisam de ser normais e usuais, embora não forçosamente em qualquer registo lingüístico. Dependem funcionalmente de condições bastante restritivas.

²² O caso de *direito, direto/direto* e *reto* mereceria um estudo à parte. Cabe mencionar, entre outras particularidades, a flexão mecânica do advérbio em frases como *Vamos directos à praia* (Portugal) onde a flexão do advérbio (!) reflete mecanicamente e sem função a desinência do verbo *-os*. Cf. Castilho ²1991: 117-8.

²³ Vilela fala também de fórmulas já lexicalizadas: *falar/chorar/rir alto/baixo, vender/custar caro/barato, respirar fundo*, etc. (1995b: 190). Curiosamente, fala também em produtividade não só em relação a *vestir jovem, votar laranja* como também referindo-se às tais fórmulas lexicalizadas (*falar alto, pagar caro, falar grosso*) (ibid: 193).

Não é fácil descrever estas condições de funcionamento dos adjetivos adverbializados, uma vez que constituem um conjunto histórica e sincronicamente heterogêneo. Queria, no entanto, esboçar algumas linhas de argumentação que talvez possam contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos.

Uma das condições que se impõem aos adjetivos adverbializados é a sua colocação: aparecem sempre junto ao verbo. Esta estreita ligação e até fixação sintagmática de verbo e adjetivo adverbializado tem causas funcionais. Não dispondo de marca morfológica, o adjetivo adverbializado precisa de aparecer junto ao verbo. Pode, quando muito, introduzir-se um advérbio de intensidade: *chorar bem manso, falar bem baixo*, etc. Não se trata porém de uma exceção à regra na medida em que *bem manso* é uma simples extensão interna do grupo adverbial. Na minha coleção de exemplos não aparece nenhuma exceção a esta regra. Pelo contrário, o advérbio de modo marcado, isto é, o tipo *rapidamente*, é bem mais móvel quanto à sua posição na frase.

Mas a regra da ocorrência junto ao verbo, melhor dito: depois do verbo, ainda não chega para descrever a construção, uma vez que os adjetivos adverbiais também ocorrem em posição pós-verbal. Para evitar a ambiguidade potencial de construções como *ela chora manso* e *ela chora mansa*, o locutor prefere adverbializar adjetivos que são pouco ambíguos a este respeito. São estes, por exemplo, adjetivos como *rápido* e *lento*, cujo significado lexical está predestinado a caracterizar uma ação. Quando aparecem junto a um verbo, como, por exemplo, em *ela corre rápido*, o ouvinte só pensa em relacionar *rápido* com o verbo, e não com o sujeito, por causa do seu conteúdo lexical.²⁴ Por isso mesmo, o advérbio *rápido* não precisa da marca *-mente*. A linguagem coloquial faz uso desta possibilidade de economia. O mesmo acontece com adjetivos abstratos como *automático, urgente, dire(c)to, fácil*, etc., que são outros adjetivos adverbializados típicos.

A falta de marca morfológica é tolerável, além disso, quando o adjetivo adverbializado entra num esquema sintagmático do tipo “falar + X”. Os brasileiros questionados preferem nitidamente formas não flexionadas (adjetivos adverbializados) com o verbo falar: *ela fala errado* vs. (?)*ela fala errada, falam suave* vs. **falam suaves*.

Uma última possibilidade para viabilizar adjetivos adverbializados é a sua metaforização e fixação sintagmática como em *jogar sujo*. São expressões que encontramos como tais no dicionário. Pertencem à norma lingüística.

²⁴ Isto não quer dizer que os falantes, ou sobretudo autores de textos literários, não possam, por motivos expressivos, utilizar uma frase como *ela corre rápida*. Cf. Hundertmark-Santos Martins que explica o uso dos adjetivos adverbiais pela sua expressividade (1998: 247).

Creio que a grande maioria de adjetivos adverbializados obedece a um dos critérios que acabo de mencionar. Pode haver algumas exceções que se justificam pelo contexto, sobretudo no Brasil, onde o advérbio sem a marca *-mente* é provavelmente o esquema dominante na linguagem falada coloquial. Um esquema dominante já não precisa de ser marcado pelas restrições acima mencionadas. Existe então uma certa liberdade relativamente a um núcleo de adjetivos adverbializados que correspondem aos critérios mencionados.

As seguintes listas de exemplos, que registei na linguagem falada coloquial durante estadas em Portugal e no Brasil, confirmam a validade dos critérios acima mencionados, pelo menos como tendências:

Portugal:

mandar urgente a.c.	alugar mais fácil a.c.
a máquina desliga automático	escrever horroroso
fazer/falar/pintar diferente	fazemos isso independente
pedir directo à administração	as pessoas gostam de comer lento
vens direitinho a	secar rápido
eles falam esquisito	é preciso dizer exacto
abusar imenso do tempo	

Brasil:

jogar aberto/duro/pesado/sujo	resolvi bem espontâneo [sujeito feminino]
passei batido [sujeito feminino]	engordar fácil
vamos falar claro	falar gozado/errado/grave/suaive/esquisito
preciso contar direitinho	faz mal comer nervoso
entrou direto	Pega leve, pelo amor de Deus!
trabalhar duro	penso negativo [sujeito feminino]
dormimos picado	o rim funciona acelerado
comer escondido	parar rápido
comprar separado	comparecer urgente
ela tem medo de cobrar errado	deslizar legal
preciso de pessoas que pensam diferente	

Na lista dos adjetivos adverbializados do português de Portugal não aparece nenhum particípio do passado. É que este tipo de adjetivo significa características estáticas, quer dizer, estados em que se encontra alguém. Por isso mesmo cumpre otimamente as condições para o emprego como adjetivo adverbial: *ela chega cansada*. A maior parte dos adjetivos adverbiais são de

fato participios do passado (Hummel 2000: 82-87). E é esta característica que torna mais difícil a adverbialização destes adjetivos, na medida em que têm pouca ou nenhuma afinidade para caracterizar processos, como se pode verificar pelo contraste de *ela chega cansada*, frase perfeitamente aceitável, e *ele chega cansadamente*, que seria uma frase pouco usual.

Na lista dos adjetivos adverbializados no português do Brasil, pelo contrário, aparecem alguns adjetivos que têm a forma de participios do passado. Os sintagmas *falar gozado* e *falar errado* entram no esquema “falar + X”. É verdade que os adjetivos subjacentes *gozado* e *errado* têm a forma de um participio, mas são participios largamente adjetivados que pouco têm a ver, hoje, com os verbos correspondentes. São adjetivos autênticos e não formas de um verbo. *Jogar pesado*, por sua vez, é uma expressão metafórica sintagmaticamente consagrada. Mas restam os sintagmas *comer escondido* e *comprar separado* onde os adjetivos subjacentes deixam transparecer bastante bem o verbo correspondente. Classifiquei estes exemplos como adjetivos adverbializados porque não estavam flexionados, embora o contexto o tivesse exigido, se se tratasse de adjetivos adverbiais. No caso de *comprar separado*, a flexão teria que depender do objeto direto. Mas ouvi *comprar separado as coisas* e não *comprei separadas as coisas*. A explicação que mais convence é a da usualização sintagmática do conjunto “verbo + adjetivo adverbializado” que conduz o falante a já não associar o “adjetivo” ao sujeito ou ao objeto direto, até nos casos onde isso seria possível. O falante apreende *comer escondido* e *comprar separado* como sintagmas independentes, e, ao inseri-los numa frase, já não os relaciona com o sujeito ou objeto explícito da frase. Os sintagmas são tratados como se fossem verbos complexos.

No seguinte exemplo, o sujeito falante é uma mulher, mas *manso* não é flexionado:

Chego a chorar manso de tristeza (Lispector: 89).

Chorar manso é bastante aceitável, mas *chorar manso de tristeza* já é mais ousado, na medida em que faz pensar em uma característica do sujeito de *chorar*. A meu ver, exemplos como este, só se podem explicar pela existência, na consciência lingüística dos falantes, de um verbo complexo *chorar manso*. Este processo de lexicalização confirma-se semanticamente. *Chorar manso* significa “chorar baixinho”. No caso de *ela come escondido* com o significado lexicalizado ‘comer às escondidas’, existe até uma oposição semântica com a variante não lexicalizada *ela come escondida* ‘= escondida mesmo’. A existência dos sintagmas *comer às escondidas* (usual em Portugal) e *chorar de mansinho* (usual no Brasil) aponta para uma possível explicação dos verbos complexos como compressão econômica de sintagmas mais explícitos.

Examinamos, até agora, a dimensão paradigmática do uso dos adjetivos adverbializados. Mas talvez seja mais importante para a explicação do emprego destes advérbios, e nomeadamente para a sua flexão, a dimensão sintagmática. Os meus dados não permitem explorar esta dimensão como mereceria. Limito-me a chamar a atenção para um dos resultados obtidos de um questionário que entreguei a 3 falantes brasileiros paulistas ou cariocas. As seguintes frases foram comentadas unanimemente pelas respostas entre parênteses:

(6a) *As pessoas gostam de comer muito lento.* [usual]

(6b) *As pessoas gostam de comer muito lentas.* [não aceitável]

(6c) *Ela come lento.* [não aceitável]

(6d) *Ela come lenta.* [usual]

Parece que as formas não flexionadas se aceitam melhor à medida que aumenta a distância do sujeito de *comer* e que se estabelece uma independência sintática do conjunto “verbo + adjetivo/advérbio”. Recordemos que os adjetivos adverbializados se fixam na consciência lingüística dos falantes preferentemente sob a forma “verbo + adjetivo adverbializado”. Os exemplos (6a-d) mostram que existem distribuições sintáticas que favorecem a ocorrência destas formas. Semanticamente, as ocorrências com relativa distância ou independência dos adjetivos adverbializados correspondem a um emprego tendencialmente *genérico* do sintagma “verbo + adjetivo adverbializado”. O processo designado não é percebido como processo específico executado por um sujeito específico mas como *tipo de processo*, por exemplo “comer lento”, que, nas frases atuais da linguagem, é executado *ocasionalmente* pelo sujeito específico da frase. Corresponde a esta análise semântica o fato de os falantes costumarem apreender os adjetivos adverbializados juntamente com um verbo ou um grupo de verbos.

Em construções com vários adjetivos/advérbios intervém, a meu ver, um outro fator: O falante tem tendência a recorrer às formas não marcadas sempre que uma ou mais destas formas têm uma afinidade adverbial e são utilizadas freqüentemente na variante adverbializada, como no caso de *lento* e *macio*, no seguinte exemplo:

Tremeluz e é elástico. Como o andar de uma negra pantera lustrosa que vi e que andava macio, lento e perigoso (Lispector: 32).

Este exemplo leva-nos a formular uma hipótese ousada: não será possível pensar que o português do Brasil esteja implicado, pelo menos no uso lingüístico de alguns falantes, numa tendência que deixa o ouvinte decidir, conforme o sentido da frase, se a palavra invariável que se segue a um verbo funciona como atributo do sujeito ou como atributo do verbo? Em Portugal não se observa tal tendência. No Brasil, esta tendência insere-se numa tendência geral para o

enfraquecimento da flexão nominal.²⁵ Callou cita um exemplo que pertence a um dialecto rural em Mato Grosso onde o adjetivo pode ser analisado como adjetivo adverbial não flexionado:

eu vim de lá *pequeno* (indagada a informante sobre o lugar de onde viera) (Callou 1998: 265).

Temos que explicar mais um fato que parece caracterizar o emprego dos adjetivos adverbializados: as opiniões dos falantes sobre a usualidade ou aceitabilidade costumam ser diferentes. A causa principal é, provavelmente, que o falante se vê confrontado com um problema de norma lingüística. Aprendeu, por exemplo, que tal ou tal construção não deveria ser escrita nem ser utilizada na linguagem falada culta. Por isso é muito importante basear-se, empiricamente, em frases realmente pronunciadas. Um outro fator que intervém é a falta do contexto situacional em que a frase ocorreu, quando se pergunta se uma das frases acima mencionadas é usual ou não. Na linguagem coloquial, a situação em que uma frase foi pronunciada, é de grande importância. As divergências nas opiniões expressas pelos falantes têm que ver, além disso, com a tendência para utilizar adjetivos adverbializados em gíria, quer dizer, em linguagens próprias de um grupo social. Algumas séries como *jogar aberto/duro/pesado/sujo* surgem, sobretudo, quando se fala de desporto. Na linguagem do jornalismo político surgem sintagmas como *votar laranja/socialista*, etc. mencionados por Vilela (v. *supra*) que resultam de uma compressão econômica de frases como *votar pelo partido socialista*. Em francês, é freqüente, na linguagem coloquial, reduzir os sintagmas *parler de politique* a *parler politique*. *Politique* é substantivo aqui, mas o resultado da compressão poderia ser interpretado por analogia com *parler clair*, por exemplo. Estes exemplos mostram mais uma vez a heterogeneidade das fontes de onde nascem sintagmas que se integram ou parecem integrar-se no paradigma dos adjetivos adverbializados.

O levantamento de dados por questionário que fiz não permite obter resultados estatísticos por causa do pequeno número de falantes interrogados (3 brasileiros, 3 portugueses). Não me parece sem interesse, no entanto, apresentar, a título de exemplo, os resultados da comparação de 2 questionários. Trata-se das respostas de 2 lingüistas, uma de São Paulo, a outra de Lisboa. As respostas são comparáveis, sobretudo porque os dois falantes compreenderam espontaneamente possíveis diferenças de interpretação, como, por exemplo, entre *jogar sujo* (adjetivo adverbializado) e *ela joga suja* (adjetivo adverbial). Cada uma das 69 perguntas do questionário, baseadas nos *corpora* literário e

²⁵ V. as contribuições ao volume '*Substandard*' e mudança no português do Brasil (Großel Zimmermann 1998).

coloquial falado do presente estudo, continha duas frases: uma com a variante flexionada do adjetivo, a outra com a não flexionada. Os falantes tinham que indicar se a variante é usual ou não. Tive que excluir, *a posteriori*, 5 exemplos por causa de ambigüidades imprevistas. Convém excluir, além disso, 7 brasileirismos (*dormir gostoso, dormir picado, passar batido, falar gozado, conversar legal, beijar gostoso, escrever horroroso*) que não permitiram nenhuma avaliação do uso no caso do português de Portugal. 32 das restantes 52 perguntas foram respondidas identicamente pela professora brasileira e pela professora portuguesa. Em 17 casos, a falante brasileira aceitou a variante não flexionada onde a falante portuguesa a rejeitou. O contrário só aconteceu num caso. Torna-se portanto evidente uma nítida preferência pela forma não flexionada no Brasil. Cabe recordar que, no caso dos brasileirismos excluídos, a forma não flexionada é também a mais usual ou a única possível. O alto grau de usualidade destes brasileirismos contribui sem dúvida para a expansão das formas não flexionadas em geral. A falante portuguesa aceitou em 8 casos a forma flexionada, interpretando-a como adjetivo adverbial, onde a brasileira a rejeitou. A falante brasileira aceitou 3 formas flexionadas onde a colega portuguesa as rejeitou - mas o motivo foi diferente. Parece haver uma tendência na linguagem popular para flexionar certas formas que não se flexionam na linguagem coloquial usual (por exemplo *ela fala esquisita*). Correspondem a casos como *vamos diretos a*, usuais em Portugal, onde o falante flexiona o advérbio mecanicamente.

3. Falar rápido vs. falar rapidamente

Não é fácil compreender e explicar a pouca frequência dos adjetivos em *-mente* na linguagem coloquial falada. Será mesmo tão baixa a frequência? Os locutores, lingüistas ou não, ficam muito em dúvida quando confrontados com tal afirmação. Já acreditam mais quando se diz que os advérbios de frase, como em *felizmente veio*, são freqüentes, sim, mas não advérbios de modo atributos de um verbo como em *vir tranqüilamente*. Na observação imparcial é evidente: são pouco usuais. Na *Gramática do Português Falado* quase desaparecem no quadro referente aos tipos de advérbios. Os advérbios de modo modificadores de um verbo são uma categoria marginal entre 32 outras categorias.²⁶ O grupo dos chamados “advérbios qualitativos”, que reúne

²⁶ Castilho ²1991: 95-7. São mencionados os seguintes advérbios: *calmamente, precocemente, completamente, rapidamente, globalmente, pausadamente, brabamente, permanentemente, exageradamente, seriamente, inteiramente, exclusivamente, diretamente* (págs. 115-7). Alguns preenchem um papel de intensificador (*seriamente*), outros referem-se ao tempo (*precocemente*). No caso do português falado em Portugal, Brauer-Figueiredo chama a atenção para o emprego do advérbio em *-mente* como intensificador expressivo tanto do adjetivo (*extremamente árido*) como também do verbo (*coisas que me interessavam loucamente*), com menor frequência no segundo caso, a julgar pelos seus exemplos (Brauer-Figueiredo 1999: 392-4).

advérbios modificadores de verbos ou de adjetivos, tem 155 ocorrências no corpus desta gramática. Esta frequência absoluta corresponde a 12% dos advérbios do corpus (Ilari 1992: 299-303). Uma análise mais pormenorizada leva Antônio de Oliveira a reduzir este número a 116 ocorrências (Ilari 1992: 299-303). 35 destas ocorrências correspondem a advérbios modificadores de um adjetivo. 32 delas são realizadas por *bem* (30) ou *mal* (2). O único advérbio em *-mente* mencionado é *tipicamente*. A frequência dos advérbios modificadores de um verbo é de 81. Este grupo contém os advérbios muito frequentes *bem* e *depressa*. Os advérbios em *-mente* mencionados são *categoricamente*, *rapidamente*, *precocemente* e *calmamente*. O autor infelizmente não indica as frequências exatas. Dado que deveríamos excluir as formas *bem* e *depressa*, podemos concluir que a ocorrência dos advérbios em *-mente* modificadores de um verbo deve ser bem inferior a 81, num corpus de 1264 advérbios, isto é, inferior a 6%.²⁷ É evidente que estes advérbios não constituem o centro do emprego dos adjetivos em *-mente* na linguagem falada. A realidade da língua falada contradiz, portanto, as gramáticas e o ensino do português, onde a função principal dos advérbios em *-mente* parece ser a de atributo de verbos.²⁸ O menos que se pode dizer é que existe um hiato entre a alegada função fundamental deste advérbio²⁹ e a frequência do advérbio nesta função. E recordemos que o corpus utilizado na *Gramática do Português Falado* não corresponde à linguagem coloquial mas à linguagem falada culta, o que poderia levar a sobreestimar a frequência deste tipo de advérbios, como vamos ver no que se segue.³⁰

Mas como enquadrar neste cenário a seguinte observação de uma professora universitária brasileira? Os professores que corrigem os trabalhos escritos dos alunos vêem-se confrontados com um sem-fim de advérbios em *-mente* atributos de um verbo. É óbvio que os falantes sabem utilizá-los. A única explicação adequada parece ser a seguinte: Os advérbios de modo atributos de um verbo correspondem à linguagem elaborada, a uma linguagem que serve para alguém se exprimir diferenciadamente. Ora bem, a necessidade ou desejo de exprimir-se elaboradamente são mínimos na expressão diária, no registo coloquial. Basta

²⁷ Não é portanto tão óbvio como o pretende Bhat (1994: 19) considerar os advérbios modificadores de um verbo como advérbios prototípicos.

²⁸ Vilela exprime esta situação: “Há, em relação aos advérbios, uma tendência para distinguir um centro e uma periferia: os advérbios centrais, os que actuam a nível da palavra - o verbo, os actantes - que é especificada semanticamente [...] e os que exprimem paradigmaticamente uma circunstância (os advérbios de lugar e os de tempo), estes já fora do centro, e, finalmente, os advérbios da periferia, os chamados “advérbios de frase” [...] (Vilela 1995a: 191)”.

²⁹ “O advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo (Cunha/Cintra 1985: 529)”.

³⁰ Cf. Zimmermann 1998 sobre os termos *língua culta* e *língua não culta*.

que o locutor disponha de uma série relativamente limitada de advérbios de modo, advérbios estes que justamente correspondem a antigos advérbios consagrados como *forte*, *alto*, *devagar*, *depressa*, etc. Dito de outra forma: estes adjetivos são freqüentes porque correspondem às necessidades expressivas do registo coloquial, isto é, o registo básico de qualquer língua natural. Deve ter sido esta usualidade que contribuiu, historicamente, para preservar alguns deles da moda do sufixo *-mente* (v. Lapa¹¹ 1982: 243). Temos assim duplicações como *forte-fortemente*. A forma concorrente *fortemente* não conseguiu substituir-se a *forte*. No caso de *alto-altamente*, desenvolveu-se uma especialização funcional, limitando-se o último à função de intensificador de adjetivos. Outra conseqüência importante: no registo coloquial, que corresponde ao nível de expressão habitual de muitos falantes, sobretudo em épocas passadas, estes advérbios curtos constituem o modelo dominante que os falantes podem utilizar quando precisam de se expressar mais pormenorizadamente. Daí, possivelmente, a origem de frases como *ela come nervoso* ou *ela fala esquisito*. Mas estas extensões, possíveis mas bastante limitadas, não satisfazem os desejos de expressão da linguagem culta. O falante recorre então a uma outra série produtiva: a dos advérbios em *-mente*, baseada na lista quase ilimitada de adjetivos. É isto que acontece quando os alunos chegam à universidade: utilizam os advérbios em *-mente* para a linguagem escrita culta. A diferença relativamente ao português de Portugal, aliás, não é a de haver maior freqüência de advérbios em *-mente* atributos de um verbo na linguagem coloquial. Também não se ouvem muito. A situação é mais ou menos a mesma. O que é diferente é a maior limitação do emprego dos adjetivos adverbializados.

4. Português falado e português escrito

Como é sabido, “o” português falado e “o” português escrito não existem como registos da linguagem.³¹ Quem fala assim, pensa normalmente na oposição entre o português coloquial e o “bom” português de textos literários. Esta análise já é mais acertada, apesar de haver, sobretudo na literatura do século XX, obras literárias com elementos de estilo falado coloquial. Se a seguir distinguimos entre a ocorrência de adjetivos adverbiais e de adjetivos adverbializados em textos literários, por um lado, e em linguagem falada, por outro, é simplesmente por motivos empíricos. O corpus literário analisado é constituído pelas obras literárias mencionadas na bibliografia. A coleção de exemplos da linguagem falada coloquial foi feita no dia a dia durante estadas

³¹ V. por exemplo Biber 1988.

em Portugal e no Brasil.³² As estadas em Portugal somam-se em vários meses de observação, enquanto que as estadas no Brasil se reduzem a poucas semanas. Eis aqui os resultados (os números entre parênteses correspondem à frequência ao nível dos *types*, indicando a primeira cifra os *tokens*):

Português de Portugal

	literário	coloquial falado
adjetivos adverbiais	91 [77]	12 [11]
adjetivos adverbializados	17 [10]	33 [18]

Português do Brasil

	literário	coloquial falado
adjetivos adverbiais	95 [82]	32 [26]
adjetivos adverbializados	14 [14]	71 [31]

Apesar da heterogeneidade dos textos literários, que de certo modo refletem a heteroglossia social, surgem tendências bastante nítidas na comparação das colunas “literário” e “coloquial falado”. O que mais salta à vista é a alta frequência dos adjetivos adverbializados na linguagem coloquial falada do Brasil. Confirma o que os próprios falantes costumam saber: os brasileiros usam e, para alguns, abusam da adverbialização dos adjetivos. Como já vimos, alguns deles são considerados brasileirismos pelos portugueses. A frequência é bem mais alta que nos textos literários onde predominam, tanto no Brasil como em Portugal, os adjetivos adverbiais. Os adjetivos adverbiais pertencem à linguagem elaborada. Encontrei, só em *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós, 226 exemplos em 490 páginas.³³ Em jornais de Portugal, que analisei durante cerca de um mês, registei 41 adjetivos adverbiais e só onze adjetivos adverbializados. Confirma-se assim tanto a fraca permeabilidade de textos escritos não coloquiais a este tipo de advérbio como também o carácter literário dos adjetivos adverbiais, na medida em que a sua frequência em jornais

³² Excluí alguns exemplos anotados que outros falantes julgaram absolutamente inaceitáveis e inusuais. Fiz isso para evitar as dúvidas que surgem ao ler Thomas 1969 ou o estudo de Kany sobre o espanhol americano (sobretudo Kany 1969: 53-5), onde o leitor se pergunta se a frase citada realmente foi dita assim. Mais vale reter frases aceitas por mais de um falante do que entrar numa polémica que dificilmente se pode evitar no campo do emprego dos adjetivos adverbializados.

³³ V. Hummel 1998: 154. Excluí, como é evidente, os adjetivos destacados, isto é, o tipo *A senhora chegou, cansada*.

é bem inferior à dos textos literários. O critério distintivo não é o caráter falado ou escrito do texto mas a oposição literário vs. não literário, no caso dos adjetivos adverbiais, e elaborado-culto vs. coloquial, no caso dos adjetivos adverbializados. Estes últimos são pouco freqüentes em textos escritos pela simples razão de que estes textos costumam pertencer à expressão culta dos falantes. Cada um sabe que certas coisas se dizem, mas não se escrevem. Na comunicação informal, em cartas entre amigos, por exemplo, os adjetivos adverbializados abundam tanto como na linguagem falada coloquial.

É importante ver que não se trata de uma tendência meramente portuguesa ou brasileira mas sim românica. Ao comparar a linguagem falada culta na Cidade do México com a linguagem falada não culta, de Mello observa que a freqüência dos adjetivos adverbializados é duas vezes maior no segundo caso (1992: 227-8). O emprego dos advérbios em *-mente* aumenta, portanto, com o nível de formação e cultura lingüísticas. Na França, os dados reunidos por mim vão no mesmo sentido, embora os adjetivos adverbializados se encontrem marginalizados após um século de escolaridade obrigatória (Hummel [em preparação]). Poder-se-ia concluir que a freqüência dos advérbios em *-mente* vai aumentando com o prestígio da norma lingüística do correto na consciência dos falantes. Por isso, a freqüência dos adjetivos adverbializados na Europa não é, provavelmente, menor do que no Novo Mundo, por se tratar de formas menos tradicionais utilizadas abusivamente, mas pelo maior peso da prática e tradição normativas em todas as camadas sociais.³⁴

A freqüência dos adjetivos adverbiais no português coloquial do Brasil é inferior à dos adjetivos adverbiais no corpus literário, mas esta freqüência sempre é quase três vezes superior à de Portugal. Na linguagem falada coloquial do Brasil, tanto os adjetivos adverbiais como os adjetivos adverbializados são mais freqüentes do que em Portugal. Será que se sustentam mutuamente? É possível, mas os dados não nos permitem afirmá-lo com certeza.

A comparação das freqüências *type/token* no português coloquial confirma a tendência para a fixação dos adjetivos adverbializados: algumas formas são altamente recorrentes. Os mais freqüentes são, no Brasil: *rápido* (19 vezes), *fácil* (10), *errado* (4) e *separado* (4); em Portugal: *rápido* (6), *direto* (5), *direito* (3) e *diferente* (3).³⁵ No que diz respeito aos verbos, convém mencionar, nas construções com adjetivos adverbializados, a freqüência elevada

³⁴ Cf. Zimmermann (1988:28) que chama a atenção para a atitude tolerante dos brasileiros em relação à variação lingüística.

³⁵ Só registei uma vez as formas *falar alto/baixo*, que apareceriam com muita freqüência, se as tivesse registado todas. Convém mencionar que os falantes portugueses parecem confundir os advérbios *direto* e *direito*, que atualizam o mesmo sentido nas frases registradas.

de *ir* (6), *falar* (4) e *fazer* (4), em Portugal, e de *falar* (9), *fazer* (5) e *jogar* (4), no Brasil.

Pelo lado dos adjetivos adverbiais, a recorrência é mínima. O único caso digno de ser mencionado é o adjetivo *tranquilo*, no português falado coloquial do Brasil, que aparece três vezes. A fixação é, portanto, bem fraca. Mas parece haver, tanto em Portugal como no Brasil, um núcleo de verbos que aparece com adjetivos adverbiais. São verbos que, semanticamente, favorecem a menção de um estado do sujeito: *voltar*, *acordar*, *chegar*, *entrar*, *nascer*, *terminar*.³⁶ Este núcleo parece ser uma característica da linguagem falada coloquial, na medida em que no corpus literário nos encontramos perante uma manifesta variedade de verbos. Aí estes verbos também aparecem com maior frequência. Juntam-se-lhes, no entanto, outros verbos: *correr* (8 vezes), *morrer* (8), *olhar* (8), *chegar* (6), *dormir* (6), *sair* (6), *ir* (5), *cair* (4), *nascer* (4), *sorrir* (4), *subir* (4), *caminhar* (3), *entrar* (3), *voltar* (3).³⁷ Nos adjetivos do corpus literário predomina igualmente a variedade. Só têm maior frequência *sentado* (5), *absolvido* (3), *desafiante* (3), *inteiro* (3) e *mudo* (3) [I]. Basta um autor ter preferência por um adjetivo específico para que este adjetivo apareça entre os mais frequentes do corpus. No corpus de romances de Eça de Queirós utilizado em Hummel 1998, os adjetivos mais frequentes são *furioso*, *sério*, *aterrado*, *junto*, *comovido*, *impaciente* e *morto* [II] (1998a: 173). O fato de não haver nem um adjetivo idêntico nas listas [I] e [II] leva à conclusão de que as preferências observadas são de ordem estilística. Dependem de opções individuais.

Mas não é só o emprego de tal ou tal verbo ou adjetivo que depende de opções estilísticas. O mesmo vale até para o emprego das construções. O quadro seguinte mostra as preferências dos autores do nosso corpus:

	adjetivos adverbiais	adjetivos adverbializados
Lygia Fagundes Telles	61	2
Clarice Lispector	34	12
José Saramago	86	12
Luis de Sttau Monteiro	5	5

³⁶ As respostas ao questionário confirmam estes dados. Os falantes não aceitaram formas não flexionadas com estes verbos (*acordei assustada* mas não **acordei assustado* com sujeito feminino) com exceção de adjetivos adverbializados típicos: *Não tive tempo sequer de chegar direito* é usual, até quando fala uma mulher, *Não tive tempo sequer de chegar direita* não é de excluir, mas não seria corrente. Seria até mais popular.

³⁷ Não havendo qualquer especificidade diatópica, no caso dos adjetivos adverbiais, reuni os dados dos *corpora* literários brasileiro e português para aumentar a relevância estatística.

Não é por acaso que o romance *Um Homem não Chora* de Sttau Monteiro contém tão poucos adjetivos adverbiais. Trata-se de um texto neo-realista escrito num estilo simples e sóbrio. Os adjetivos adverbiais não penetram neste estilo pelo mesmo motivo por que se vê limitado o seu emprego na linguagem falada coloquial: são próprios de um estilo elaborado, como, por exemplo, o de José Saramago. O caráter essencialmente estilístico do emprego dos adjetivos adverbiais impede qualquer diferenciação do português do Brasil do de Portugal. Depende de cada autor, individualmente. É por isso que só os dados referentes à linguagem falada coloquial do Brasil e de Portugal se prestam à análise de diferenças diatópicas entre os dois espaços lusofalantes.

Conclusão

A partir da base empírica de um corpus literário e de exemplos tirados do português falado coloquial do Brasil e de Portugal, mostrei que os locutores distinguem bem entre aquilo a que chamo adjetivos adverbiais, que são adjetivos autênticos funcionando como atributo do sujeito gramatical ou temático da frase, e aquilo a que chamo, a partir de um ponto de vista exclusivamente sincrónico, adjetivos adverbializados, que são advérbios funcionando como atributos de um verbo. *Ela joga sujo* faz pensar em outra coisa do que *ela joga suja*. Tanto no português de Portugal como no do Brasil, os adjetivos adverbiais pertencem preferentemente a um estilo literário elaborado, ao passo que os adjetivos adverbializados fazem parte da linguagem falada coloquial. Ocorrem com maior frequência no português do Brasil que no de Portugal. Até se registam casos duvidosos que levam os próprios falantes brasileiros a falar em abuso. Trata-se, a meu ver, de uma destas zonas de ambigüidade, de onde, por vezes, surgem mudanças lingüísticas.

Bibliografia

Corpus literário

LISPECTOR, Clarice (¹³1994 [=1973]): *Água Viva*, Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MONTEIRO, Luis de Sttau (⁵1973 [=1960]): *Um Homem não Chora*, Lisboa: Ática.

SARAMAGO, José (²²1994 [=1982]): *Memorial do Convento*, Lisboa: Caminho.

TELLES, Lygia Fagundes (¹⁸1984 [=1954]): *Ciranda de Pedra*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bibliografia lingüística

AARTS, Bas (1992): *Small Clauses in English*, Berlin / New York: Mouton de Gruyter.

BECHARA, Evanildo (³⁷1999): *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro: Lucerna.

BHAT, D.N.S. (1994): *The Adjectival Category*, Amsterdam / Philadelphia: Benjamins.

BIBER, Douglas (1988): *Variation Across Speech and Writing*, Cambridge: Cambridge University Press.

BORBA, Francisco S. (1996): *Uma Gramática de Valências para o Português*, São Paulo: Ática.

BRAUER-FIGUEIREDO, Maria de Fátima Viegas (1999): *Gesprochenes Portugiesisch*, Frankfurt: TFM.

CALLOU, Dinah Maria Isensee (1998): “Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfosintáticas”, em: Große/Zimmermann (1998: 255-272).

CASTELEIRO, João Malaca (1981): *Sintaxe Transformacional do Adjectivo*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (ed.) (²1991): *Gramática do Português Falado*, vol. 1, Campinas: Editora da Unicamp.

CUNHA, Celso Ferreira da/Cintra, Luís F. Lindley (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*, Lisboa: Sá da Costa.

_____. (1985): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

DEUTSCHMANN, Olaf (1959): *Zum Adverb im Romanischen*, Tübingen: Niemeyer.

FIGUEIREDO, Cândido de (1955): *Gramática Sintética da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livraria Clássica.

FIGUEIREDO, J. M. Nunes de (1974): *Compêndio de Gramática Portuguesa*, Porto: Porto Editora.

FONSECA, Joaquim (1989): “Aspectos da sintaxe do adjectivo em português”, em: *Línguas e literaturas*, em: *Revista da Faculdade de Letras do Porto* II,6: 43-57.

GÄRTNER, Eberhard (1998a): *Grammatik der portugiesischen Sprache*, Tübingen: Niemeyer.

_____. (1998b): “Zur Entwicklung der Satzstrukturbeschreibung in brasilianischen Gebrauchsgrammatiken des Portugiesischen”, em: Hummel, Martin / Ossenkop, Christina (eds.) (1998): *Lusitanica et Romância*. Festschrift für Dieter Woll, Hamburg: Buske: 271-283.

GROBE, Sybille / Zimmermann, Klaus (eds.) (1998): *‘Substandard’ e mudança no português do Brasil*, Frankfurt: TFM

HUMMEL, Martin (1998): “Textlinguistische und stilistische Aspekte der Verwendung adverbaler Adjektive bei Eça de Queirós”, em: Hummel/Ossenkop (1998: 153-176).

_____. (2000): *Adverbale Adjektive im Spanischen. Konstruktionen des Typs Los niños duermen tranquilos und María corre rápido*, Tübingen: Niemeyer.

_____. (2001): “Adjetivos adverbiales flexionados y adjetivos adverbializados invariables en castellano contemporáneo. Construcciones del tipo *Los niños duermen tranquilos y María corre rápido*”, em: *Lengua* 12 (Universidad Mayor de San Andrés, La Paz): 9-52.

_____. (2002a), “A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica”, Actas do *Sexto Congresso da AIL - Associação Internacional de Lusitanistas* (Rio de Janeiro, 08 a 13 de Agosto de 1999), http://www.geocities.com/ail_br/ail.html.

_____. (2002b), “Sincronía y diacronía del sistema atributivo de las lenguas românicas”, em: *Lengua* (Universidad Mayor de San Andrés, La Paz) 13: 9-48.

_____. [em preparação]: *Synchronie et diachronie du système attributif français*.

HUMMEL, Martin/OsSENKOP, Christina (eds.) (1998): *Lusitanica et Romanica*. Festschrift für Dieter Woll, Hamburg: Buske.

HUNDERTMARK-SANTOS MARTINS, Maria Teresa (²1998): *Portugiesische Grammatik*, Tübingen: Niemeyer.

ILARI, Rodolfo (ed.) (1992): *Gramática do Português Falado*, vol. 2, Campinas: Editora da Unicamp.

KANY, Charles E. (1969): *Sintaxis hispanoamericana*, Madrid: Arco Libros.

LAPA, M. Rodrigues (¹¹1982): *Estilística da Língua Portuguesa*, Coimbra: Coimbra Editora.

LAUSBERG, Heinrich (1982): *Linguística românica: Morfología*, Madrid: Gredos.

LUFT, Celso Pedro (⁹1989): *Moderna Gramática Brasileira*, São Paulo: Globo.

- MARRAFA, Palmira (1993): *Predicação Secundária e Predicados Complexos em Português*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa: Universidade de Lisboa.
- MEIER, Harri (1948): “Adjectivo e advérbio”, em: *Ensaio de filologia românica*, Lisboa: Edição da Revista de Portugal: 55-114.
- MELLO, George de (1992): “Adjetivos adverbializados en el español culto hablado de diez ciudades”, em: *Lingüística Española Actual* 14: 225-242.
- PEREIRA, Susana Gomes Costa (1997): *Contributos para a Abordagem da Predicação Secundária em Português*, Lisboa: Dissertação de Mestrado: Universidade Nova de Lisboa.
- TEYSSIER, Paul (1989): *Manual de Língua Portuguesa (Portugal-Brasil)*, Coimbra: Coimbra Editora.
- THOMAS, Earl W. (1969): *The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese*, Nashville: Vanderbilt University Press.
- VILELA, Mário (1995a): *Ensino da Língua Portuguesa: Léxico, Dicionário, Gramática*, Coimbra: Almedina.
- _____. (1995b): *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra (Almedina).
- WINKLER, Susanne (1997): *Focus and Secondary Predication*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- ZIMMERMANN, Klaus (1998): “‘Substandard’ lingüístico, língua não-padrão e mudança no português do Brasil: introdução teórica e metodológica”, em: *Große/Zimmermann* (1998: 11-36).